



RAMAYANA

resumo ilustrado do épico indiano contado por Valmiki

livreto elaborado para o “work in progress” do espetáculo

RAMAYANA EM CENA



ESPAÇO RASA

www.espacorasa.art.br

NAMASTÊ!

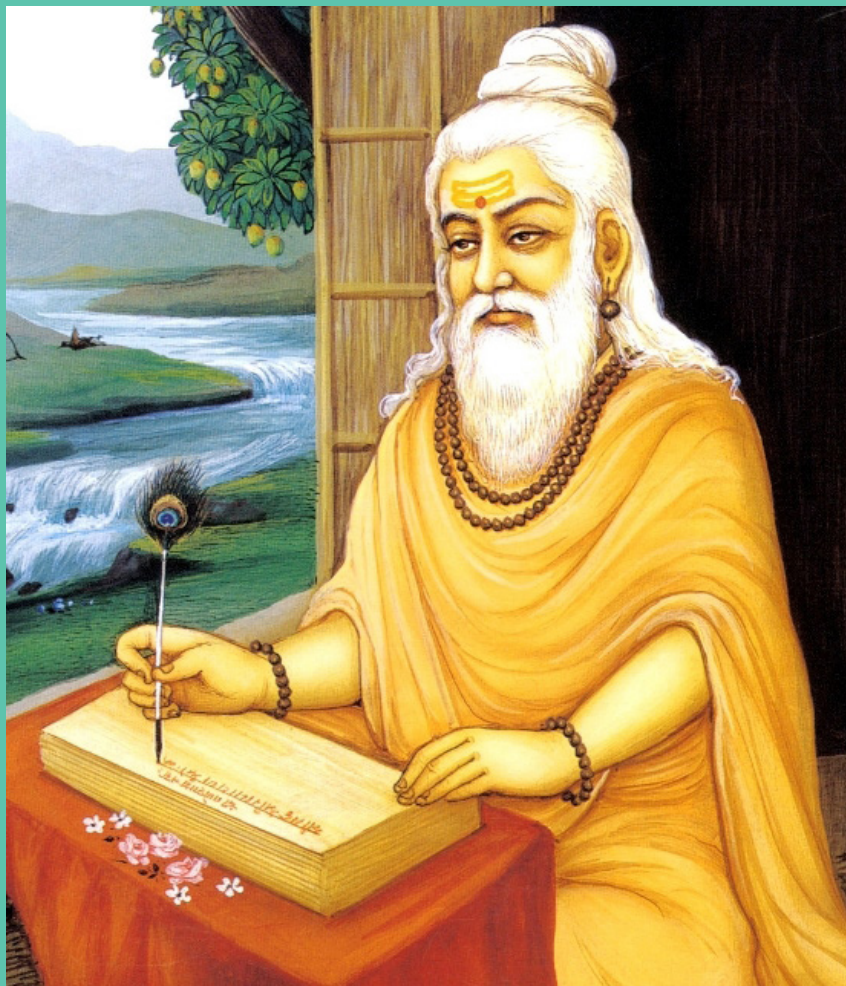
Rama, libertai a mente da maldade e da má vontade:
esta é a canção de Valmíkí.

Este livreto foi especialmente elaborado tão somente como material de estudo e de pesquisa para o “work in progress” do espetáculo “Ramayana em cena”, dirigido por Andrea Prior, sendo os direitos sobre as imagens e sobre os textos resguardados aos detentores. O espetáculo mistura ritual, dança, meditação e teatro para levar ao público o épico indiano mais antigo até mesmo do que “A odisseia” e “A iliada”. Os textos e as imagens que ilustram este livreto foram retirados da internet, mais especificamente do endereço <https://voltaaosupremo.com/artigos/historias/ramayana-a-historia-do-rei-rama/>

Este resumo ilustrado é um material de estudo dedicado à diretora, aos atores, às atrizes, aos músicos, às dançarinas, aos dançarinos, às cozinheiras, à equipe técnica, enfim, a todo aquele e a toda aquela que colaborou de alguma forma para que “Ramayana em cena” acontecesse.

2019

 ESPAÇO RÃ



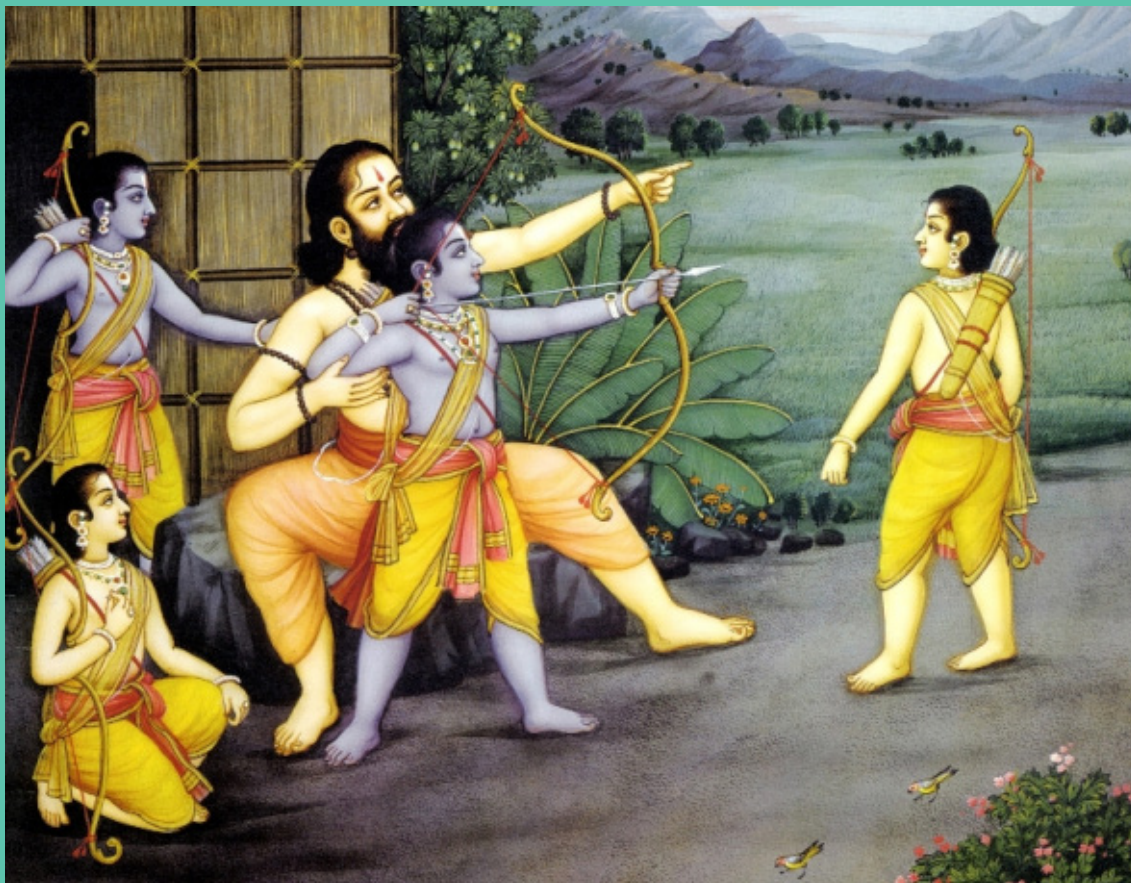
Tão entregue ficou à sua meditação que as formigas próximas a ele julgaram que ele era uma árvore e construíram um formigueiro sobre ele. Quando acordou de sua meditação e saiu do formigueiro, todos passaram a chamá-lo de Valmiki, “aquele que saiu do formigueiro”. Com seu coração completamente purificado, Valmiki então cumpriu a missão que lhe foi conferida: contar as glórias do Senhor Rama, no livro “Ramayana”.



Repentinamente, do fogo sagrado, uma personalidade magnífica surgiu. Brilhando como o sol da tarde, aquela personalidade disse: “Rei Dasharatha. Sou um mensageiro dos céus e trago a nova de que os deuses estão contentes com a sinceridade e os esforços de Vossa Majestade.” O mensageiro entregou ao rei uma pequena tigela de arroz-doce. “Peça às esposas de Vossa Majestade que comam este arroz, fazendo o que não de engravidar e o reino de Vossa Majestade terá príncipes para darem continuidade à linhagem real”.



À medida que cresciam, os jovens revelavam-se possuidores de todas as boas qualidades. Rama era especialmente notável: não obstante habilidoso como um tigre e elegante e imponente como um leão, era sereno como um lago, humilde como a grama e sábio como um livro antigo.



Os jovens aprenderam com diferentes professores como utilizar armas para a defesa dos inocentes e educaram-se também na ciência da distribuição de alimentos para a população. Os príncipes aprenderam, principalmente, como transmitir ao povo valores religiosos. Nenhum rei pode impedir que os cidadãos do seu reino morram, daí a obrigação do rei de educar as pessoas no caminho religioso, caminho este condutor à imortalidade, à liberdade do ciclo de nascimentos e mortes.



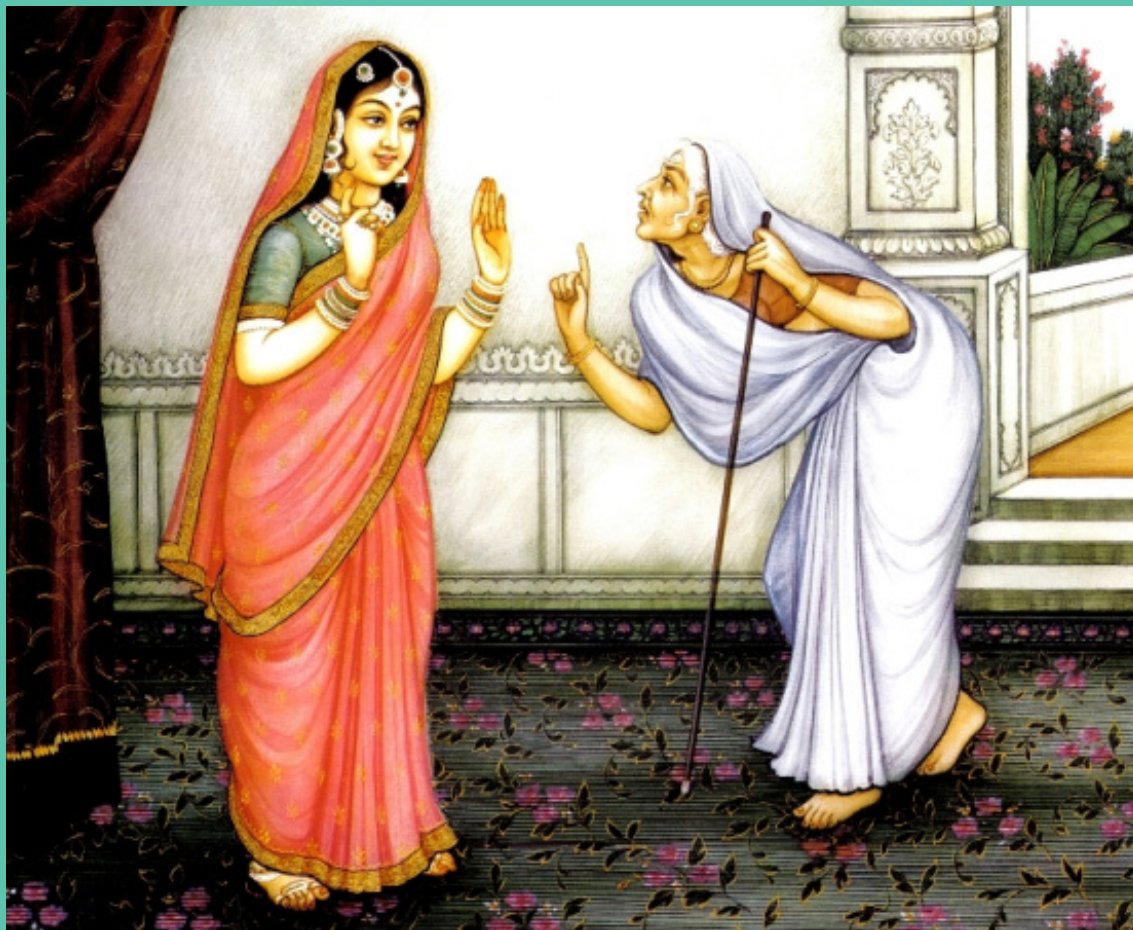
Rama e Lakshmana haviam sido muito bem treinados no uso de armas para protegerem as pessoas santas e de boa conduta. Assim, Rama e Lakshmana foram até os sábios carentes de sua ajuda. Uma vez lá, sem qualquer dificuldade atiraram os demônios dentro do mar, ajudando-se de seus arcos e flechas.



Naquela cerimônia do desafio de erguer o arco e encordoá-lo, muitos fracassaram, alguns de maneira muito vergonhosa. Por fim, Rama colocou-se em direção ao arco. Sem qualquer esforço ergueu o arco, para o assombro da plateia. Não apenas ergueu o arco sem qualquer dificuldade, mas o dobrou tanto para colocar a corda que a arma partiu-se ao meio.



O grande estalo produzido pela quebra do arco fez todos na assembleia caírem para trás. Sita, muito feliz com o esposo que acabara de ganhar sua mão, mostrou sua felicidade obsequiando Rama com uma guirlanda de flores frescas.



Alguém, entretanto, não ficou contente com o fato de a coroa ser dada a Rama. Esse alguém descontente era a rainha Kaikeyi, influenciada pela má companhia de sua invejosa criada corcunda. O rei Dasharatha possuía três esposas, o que era comum em tempos remotos devido a existirem mais mulheres do que homens, uma consequência de muitos homens morrerem em guerras, então muito frequentes. Kaikeyi era a esposa mais nova de Dasharatha, sendo também sua favorita, e queria que o seu próprio filho fosse coroado, e não Rama.



Kaikeyi, ao ser lembrada por sua invejosa criada que o rei devia a ela dois favores, não hesitou antes de pedir-lhe tais favores naquele momento. Quando Dasharatha viu sua amada esposa descontente, disse que atenderia seus pedidos de imediato. Ela, então, pediu: “Concede-me o favor de que meu filho Bharata seja coroado rei em vez de Rama e obriga Rama a morar na floresta por quatorze anos, de modo que não tente tomar o reino de meu filho!” Dasharatha não podia voltar atrás na promessa que havia feito de conceder dois favores a Kaikeyi e Kaikeyi não abria mão do desejo orgulhoso e egoísta de ver o seu filho como o rei. O coração de Dasharatha pareceu partir-se ao meio.



Rama, entretanto, aceitou o exílio na floresta sem qualquer lamentar, visto que seu prazer repousava no cumprimento do dharma, no cumprimento do dever, que agora o chamava a honrar a palavra de seu pai. Seu irmão Lakshmana e sua esposa, Sita, insistiram em acompanhá-lo para a floresta por todos os quatorze anos que lá teria de residir. Ouvindo os sons da floresta, Rama pensou: “O som que ecoa por esta floresta é de canto de pássaros, gritos de macacos, bramir de ursos e rugir de tigres. O som que se espalha agora em Ayodhya certamente é o som do choro dos homens virtuosos e das mulheres castas, mas todos têm que viver seu destino”. Devagar, os três entraram pela floresta conhecendo onde teriam de viver pelos próximos anos. Sita caminhava protegida no meio dos dois irmãos guerreiros.



Ferida por Lakshmana, Surpanakha primeiramente recorreu ao seu irmão Khara, que tinha um grande exército à sua disposição. Khara, vendo como Lakshmana ferira sua irmã em defesa de Sita, decidiu vingar-se e enviou quatorze demônios guerreiros para matarem os três humanos. Ao ser informado de que Rama havia matado todos os guerreiros enviados, Khara reuniu seu exército e saiu disposto a pelejar pessoalmente. No caminho, vários sinais apareceram a Khara indicando que o que estava prestes a fazer era inapropriado: um abutre voava sobre sua quadriga, chacais uivavam... mas ele ignorou todos esses agouros.



Maricha fez como Ravana mandou e transformou-se em uma linda gazela de pelos dourados. Sita, de fato, encantou-se ao ver a gazela, tal como Ravana esperou que ela faria, e Rama, de fato, concordou em adentrar a floresta de sorte a tentar capturar a gazela, também precisamente como Ravana esperou. Mas Lakshmana suspeitava de algo por trás daquilo, em razão do que Rama solicitou a Lakshmana que permanecesse na choupana e guardasse a princesa.



Sita encheu-se de compaixão ao ver o homem faminto, pois seu coração era gentil como uma nuvem de chuva. Porém, para entregar o alimento ao “sábio”, Sita teve que dar um passo para fora do círculo de proteção criado por Lakshmana. Quando o fez, Ravana imediatamente revelou sua natureza verdadeira e agarrou Sita para obrigar a princesa a entrar em sua quadriga próxima dali.



O terrível Ravana havia conseguido levar Sita, concretizando o horrendo plano que maquinara. Não encontrando Sita, Rama correu pela floresta lamentando-se enquanto chamava o nome de Sita e perguntava se alguém sabia do paradeiro da jovem. Lakshmana errara por ter desobedecido à ordem de seu irmão. Envergonhado por seu erro, Lakshmana mantinha sua cabeça baixa. Tamanha era a tristeza de todos pelo rapto de Sita que mesmo os animais da floresta estavam imensamente tristes.



Rama e Lakshmana encontraram o pássaro Jatayu caído ao solo ferido muito gravemente. Com os últimos suspiros de vida que lhe restavam, Jatayu contou aos dois irmãos que o demônio levava Sita em direção ao oceano. Rama e Lakshmana, então, partiram para a floresta em direção ao mar. Muito acabrunhado estava Rama devido ao rapto de Sita, a única mulher que amou e amaria como esposa por toda a sua vida. Malgrado a imensa tristeza que experienciava, seguiu, com o apoio de Lakshmana, procurando pelo rei macaco.



Hanuman disfarçou-se de ser humano para poder aproximar-se deles com mais segurança. Hanuman tinha muitos poderes místicos, haja vista que era filho do grande semideus Vayu. Perto de Rama, Hanuman sentia como se fosse servo daquele rei Rama desde muitíssimo tempo. Hanuman, já em sua forma de macaco, curvou-se ante os pés de Rama.



Um grupo de macacos foi enviado ao oceano, informados por uma testemunha de que Sita fora levada por cima do mesmo. Nesse momento, Hanuman tornou-se imenso e saltou do topo de uma montanha, voando pela imensidão do mar até a cidade de Ravana, em busca de Sita.



Hanuman foi negociar com Ravana a liberdade de Sita. Como mensageiro de Rama, disse que Ravana deveria libertá-la imediatamente ou teria que arcar com as consequências. Os soldados de Ravana não levariam a sério um mensageiro macaco, eles agarraram a cauda de Hanuman e incendiaram-na. Hanuman não era orgulhoso, mas como foi ofendido, atacou os agressores pela honra de seu senhor. Usando como uma tocha a ponta da sua cauda incendiada, Hanuman colocou fogo na cidade de Ravana.



Rama tinha um exército de milhões de macacos fiéis à sua causa de resgatar a indefesa e amável Sita, mas como esse exército glorioso cruzaria o oceano? O semideus das águas prometeu que faria boiar as pedras jogadas no mar com o nome de Rama e, assim, seria possível a construção de uma grande ponte. Os macacos trabalharam duramente para construir a ponte, carregando até a praia grandes pedregulhos, árvores e até montanhas!



Por fim, todos os grandes combatentes de Ravana haviam sido mortos e agora Ravana pessoalmente desafiava Rama. Rama atirava flechas que cortavam as cabeças de Ravana, mas, a cada cabeça que caía, outra crescia no lugar. Ravana ria de Rama enquanto as cabeças cortadas cresciam novamente. Rama, determinado a matar logo o demônio de dez cabeças, fixou em seu arco infalível uma grandiosa flecha mística. A flecha foi disparada e voou como um raio em direção ao duro coração de Ravana, que caiu morto no campo de batalha.



Sita havia sumido dentro do fogo. O que havia acontecido? Estava morta? O que aquilo significava? Transcorrido algum tempo, Sita foi trazida para fora do fogo pelo semideus Agni. Sita estava em um belíssimo sári e seus encaracolados cabelos negros caíam sobre seu rosto. Agni, o semideus do fogo, disse: “Sita jamais foi infiel a Rama, nem com seu corpo, nem com suas palavras e nem mesmo com sua mente. O coração dela é inteiramente de Rama! Senhor Rama, por favor, aceitai-a”.

ЛУА!

 **ESPAÇO RASA**
www.espacorasa.art.br

